José Ruivo
Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional
joseruivo@mmconimbriga.dgpc.pt
https://orcid.org/0000-0002-7093-7494

O DEPÓSITO MONETÁRIO TARDO-ROMANO DA SEPULTURA 6 DA CASA DOS ESQUELETOS (*CONIMBRIGA*, PORTUGAL)

THE LATE ROMAN MONETARY DEPOSIT OF THE GRAVE 6 OF THE HOUSE OF SKELETONS (*CONIMBRIGA*, PORTUGAL)

"Conimbriga" LXII (2023) p. 123-144

http://doi.org/10.14195/1647-8657_62_7

Texto recebido em / Text submitted on: 06/01/2023
Texto aprovado em / Text approved on: 11/05/2023

Resumo: Apresenta-se um pequeno depósito monetário que acompanhava um enterramento descoberto em 1964 na Casa dos esqueletos (*Conimbriga*), composto por 58 moedas de bronze, maioritariamente da segunda metade do séc. IV d.C. É apresentado o conjunto e são tecidas diversas considerações a propósito do simbolismo da presença da moeda em contextos funerários tardo-romanos.

Palavras-chave: Depósitos monetários; contextos funerários tardo-romanos; *Conimbriga*.

Abstract: The author presents 58 Roman bronze coins found in a burial discovered in 1964 at the House of skeletons (*Conimbriga*, Portugal). The coins, mostly from the second half of the 4th century AD, must have been in a purse placed near the chest of a female individual. From that point on, several considerations are made about the function of coins in Late Roman funerary contexts.

Keywords: Coin deposition; late Roman funerary contexts; *Conimbriga*.

O DEPÓSITO MONETÁRIO TARDO-ROMANO DA SEPULTURA 6 DA CASA DOS ESQUELETOS (*CONIMBRIGA*, PORTUGAL)

O edifício conhecido por Casa dos esqueletos corresponde a uma *domus* de peristilo central, construída durante o período alto-imperial, algures na segunda metade do séc. I da nossa era (provavelmente do período cláudio-neroniano: Alarcão, 2010: 47; de época flaviana: Correia, 2004: 273-274).

No essencial, a casa enquadra-se perfeitamente na arquitetura típica das residências privadas de *Conimbriga*, com características muito semelhantes às vizinhas casas do mosaico da suástica e dos repuxos, embora numa escala mais modesta. A fachada principal estava voltada a oeste, abrindo para a rua sobre a qual, alguns séculos mais tarde, se veio a erguer a muralha tardia da cidade. Aí estava situada a entrada do edifício, no qual se penetrava através de um vestíbulo que desembocava no peristilo, elemento axial da estrutura da casa. A sul estavam dispostos vários compartimentos autónomos – prováveis espaços comerciais – que abriam para a viela das Termas ditas "da muralha" (Alarcão, 2010: 47; Correia, 2013: 169-173).

Na sua frente, e apenas separada pela rua, corria a fachada do lado nascente da Casa atribuída a Cantaber, a maior residência privada conhecida até ao momento em *Conimbriga* (Correia, 2001: 83-140 e 2013: 133-145) e, a norte, situava-se a Casa do mosaico da suástica (Alarcão, 2010: 28-45; Correia, 2013: 163-168). Em finais do séc. III ou nas primeiras décadas do séc. IV, uma sólida muralha defensiva foi erguida sobre a rua que passava defronte da casa (De Man, 2007: 699-712; De Man, 2011: 184 e segs.; Ruivo, Correia e De Man, 2021: 11-24), incorporando inclusivamente a sua fachada, como de resto sucedeu com as frontarias dos edifícios adjacentes (Termas da muralha e Casa do mosaico da suástica). A construção desta imponente estrutura defensiva terá sido responsável pela demolição e abandono da casa,

assim como de todo o sector que, doravante, passaria a situar-se no exterior do remodelado núcleo urbano. Não surpreende, por isso, que esta área tenha passado a ser utilizada como necrópole, embora do espaço funerário tardo-romano de *Conimbriga* muito pouco se saiba por enquanto.

A escavação da área maior desta casa foi efetuada entre 1939 e 1941 pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, sob orientação de Vergílio Correia, tendo outros trabalhos sido levados a cabo por Jorge de Alarcão entre 1962 e 1968 (Alarcão, 2010: 47). Da primeira intervenção não se conhece qualquer relatório e da segunda só muito recentemente foi possível ao responsável por ela fazer a apresentação pública dos resultados (Alarcão, 2010: 47-63). No decurso das sondagens realizadas por este investigador, foram exumadas seis sepulturas, localizadas na zona correspondente ao primitivo vestíbulo da casa (cf. *infra* planta da Fig. 1; Oleiro, Alarcão e Alarcão, 1974: 27; Alarcão, 1999: 82; Alarcão, 2010: 11 e 48-49), documentando a utilização do espaço como necrópole muito depois do abandono e demolição do edifício. O compartimento, de planta praticamente quadrangular (c. 4,40 x 4.65m), estava inicialmente pavimentado com um mosaico do qual ainda se observam parcos vestígios (Oliveira, 2005: 44).

Numa dessas sepulturas, a número 6 (cf. *infra* Fig. 2 e Alarcão, 2010: 48, Est. 18), junto aos restos mortais da defunta[1], sobre as costelas, jaziam 58 moedas que na descrição poética do responsável pela escavação se encontrariam num "saquinho [...] poisado bem junto à alma" (Alarcão, 1999: 82). Posteriormente, Jorge de Alarcão associou também ao enterramento um sestércio de Trajano (Alarcão, 2010: 49), mas a indicação estratigráfica atribuída a esse exemplar leva-nos, de alguma forma, a desvalorizar tal possibilidade. À partida, parece-nos mais lógico associá-lo aos revolvimentos de terras para abertura ou colmatação de alguma das sepulturas situadas no compartimento[2].

A descoberta do depósito foi referida, logo em 1967, por Daniel Nony (Nony, 1967: 112, nº 22): "Em 1964 junto a um esqueleto, des-

[1] Segundo Ana Lisa Gameiro (1998: Anexo III, Indivíduo nº 13), e contrariando Jorge de Alarcão (2010: 49), trata-se de um indivíduo do sexo feminino, com idade superior a 30 anos.

[2] Não obstante, e apesar de tratar-se de uma situação pouco comum, a colocação de moedas em distintas partes de uma mesma sepultura está arqueologicamente documentada (Perassi, 2001: 109-110; Duchemin, 2012: 144).

coberta de 58 pequenos e médios bronzes de Constâncio, Constante, Valentiniano, Graciano, Teodósio e Arcádio (inédito). Informação do Prof. J. M. Bairrão Oleiro" (trad. nossa).

Todavia, e inexplicavelmente, este achado surge mencionado de forma muito lacónica no volume III das *Fouilles de Conimbriga,* consagrado aos achados monetários (Pereira, Bost e Hiernard, 1974: 306-307, Carte 21, n.º 32). Trata-se, tão só, de uma alusão ao artigo de Nony sem lhe acrescentar qualquer dado relevante. Poderá explicar-se este quase-silêncio pelo facto de ter-se perdido momentaneamente o rasto do depósito nas reservas do Museu?

O certo é que, até hoje, o achado nunca chegou a ser integralmente estudado e publicado, não obstante aparecer referido, para além da bibliografia anteriormente citada, nas recolhas constantes das dissertações de doutoramento de Manuel Abad Varela (Abad Varela, 1989: n.º 113), Juan José Cepeda Ocampo (Cepeda Ocampo, 1996: n.º 232) e, mais recentemente, David Martínez Chico (Martínez Chico, 2020: n.º 500). Este último investigador foi quem, com base em informação por nós disponibilizada, conseguiu apresentar a listagem mais completa do achado.

Como já foi referido, o depósito é composto por 58 numismas cuja cronologia se estende dos anos 337-340 d.C. até finais do século IV-inícios do V (cf. *infra* quadro da Fig. 3). Na sua estrutura integra maioritariamente peças de pequeno módulo (*nummi*, AE3 e A4) mas conta também com a presença de alguns exemplares de módulo maior, AE2 tardios dos tipos *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum*.

Não obstante tratar-se de um depósito funerário e a possibilidade de, pela sua natureza simbólica, as moedas recolhidas em contextos funerários não espelharem obrigatoriamente a realidade do numerário circulante à época do enterramento, são bem evidentes as afinidades entre a sua estrutura e a de diversos entesouramentos seus contemporâneos considerados "normais" nomeadamente, e para não irmos mais longe, com o tesouro A de *Conimbriga* (Pereira, Bost e Hiernard, 1974: 319-323), como nos é dado ver no gráfico da Fig. 4. Em nosso entender, o conjunto de *Conimbriga* não corrobora inteiramente a opinião expressa por Jean-Marc Doyen em artigo recente defendendo que, à exceção das moedas "de passagem", nada ou quase nada seria aleatório no uso da moeda em contexto funerário, sugerindo uma seleção ao nível das denominações a utilizar, do número de moedas a colocar, da iconografia (escolha de reversos "falantes") e da sua distribuição espacial na sepultura. O autor admite ainda que, mesmo para um período de

grande homogeneidade monetária como o século IV, é relativamente fácil mostrar a frágil interrelação entre a circulação monetária e a acumulação de moedas nas sepulturas (Doyen, 2017: 93-97)[3].

O depósito funerário da Sepultura 6 inicia-se com 21 *nummi* dos finais do período constantiniano, anteriores à reforma monetária de 348 d.C., repartidos pelas séries *Gloria Exercitus* – 1 estandarte (4 exemplares), *Securitas Reip* (2 exemplares) e *Victoriae Dd Auggq Nn* (17 exemplares). Seguem-se as emissões dos anos 353-361 d.C., com os habituais AE3 *Fel Temp Reparatio* – séries do cavaleiro (6 exemplares) e os AE4 *Spes Reipublice* (12 exemplares)[4], complementadas pelos AE3 *Gloria Romanorum* (2 exemplares) e *Securitas Reipublicae* (1 exemplar) do período dos Valentianianos. De entre as moedas seguramente identificadas e datadas que encerram o conjunto contam-se alguns AE2 tardios das séries *Reparatio Reipub* (3 exemplares) e *Gloria Romanorum* – lábaro (4 exemplares) que fecham igualmente numerosíssimos tesouros hispânicos de finais do século IV e inícios do V (Martínez Chico, 2020: 693-694 e 814-816). No conjunto encontram-se ainda dois AE4 cuja cronologia não se encontra fixada com a precisão desejável e que, em tese, podem repartir com os AE2 *Gloria Romanorum* o título de moeda mais recente do depósito: são ambos da série *Victoria Auggg* de Arcádio, um batido em Arelate entre 388 e 395 d.C. (cf. RIC IX 30e – RIC X 1306), e outro de casa da moeda não identificada, mas cuja cunhagem se processou dentro da mesma baliza cronológica (não obstante, os autores de LRBC prolongam a emissão desta série até 402 d.C.).

Em termos de proveniência geográfica das emissões representadas neste conjunto, verifica-se a predominância das séries ocidentais, principalmente das batidas em Roma e Arelate, situação que se encon-

---

[3] Esta posição diverge da expressada, por exemplo, por Claudia Perassi (1999: 43), que acha improvável a escolha de uma moeda em função da sua iconografia ou das suas legendas.

[4] Apesar da elevada representatividade deste tipo monetário no depósito da Sepultura 6, quando comparado com o Tesouro A (20,69 contra 7,07%), não vemos aqui uma situação que configure uma escolha intencional do reverso. Acredita-se, todavia, que algumas inscrições monetárias como *Pax* ou *Spes*, entre outras, estariam associadas à noção de repouso (Duchemin, 2012: 158). A ideia de proteção do morto no Além é realçada por vários autores quando se aborda a questão de uma eventual escolha das legendas e da iconografia monetária (Gorecki, 1975: 274-275; Duchemin, 2012: 156-158; Doyen, 2017: 97).

tra perfeitamente documentada na circulação monetária de *Conimbriga* (Pereira, Bost e Hiernard, 1974: 250-251).

Uma análise global deste conjunto, pese o desfasamento cronológico de cerca de meio século entre os exemplares mais antigos e os mais recentes, deixa entrever a ausência de uma seleção prévia das moedas que o integram, sendo admissível que fosse composto por moedas subtraídas à circulação no momento da sua deposição. De resto, esta prática de retirar diretamente da circulação as moedas que irão acompanhar o defunto parece ser a mais comum, a julgar pelo estudo realizado por Lisa Brown para a Itália, as Ilhas Britânicas e parte da Escandinávia, no qual a autora estimou que cerca de 70-80% das moedas depositadas nos enterramentos são contemporâneas dos mesmos (Brown, 2013: 307)[5].

Por outro lado, e apesar de ter sido recolhido em contexto funerário, não temos quaisquer dúvidas, secundando a opinião de Jorge de Alarcão (Alarcão, 1987: 193-194), de que as 58 moedas recolhidas na sepultura não tinham como função pagar a passagem do morto para o Além, materializando o ritual dito do "óbolo a Caronte"[6].

Com efeito, alguma historiografia vertida recentemente sobre a matéria tende a assumir que unicamente nas situações em que as moedas eram colocadas na boca ou nos olhos do defunto se poderia consubstanciar a prática do pagamento ao barqueiro pela travessia do Estíge (Thüry, 1999: 17-30; Brown, 2013: 311-313 e 319-320). No caso do aparecimento de conjuntos numismáticos, por vezes significativos, em enterramentos, posicionados em diversos locais da sepultura, há quem admita que possam representar uma provisão para a viagem do defunto (viático), um pecúlio destinado às suas necessidades no Além, uma oferenda, um símbolo do seu prestígio e riqueza, um elemento apotropaico, ou até mesmo um tesouro aí ocultado intencionalmente (Thüry, 1999: 17-30; Wiblé, 1999: 201-206; Brown, 2013: 309-311).

Esta prática funerária parece ter conhecido uma certa difusão no mundo greco-romano, embora com claras disparidades cronológicas e regionais (Brown, 2013: 304-306). A título de exemplo, recordamos que nos cemitérios de época imperial da Península Itálica menos de 20%

---

[5] No mesmo sentido, para a Gália Setentrional: Duchemin, 2012: 150-151 e 178. Este autor nota, também, que o desfasamento cronológico entre moedas achadas numa mesma sepultura não ultrapassa, regra geral, os 30 anos.

[6] Grinder-Hansen, 1991: 211 opta por uma terminologia mais neutra, ao chamar-lhe "death coins".

das sepulturas estudadas contêm moedas (Ceci, 2005: 409; para outras regiões cf. Stevens, 1991: 223-226), o que poderá ser interpretado como o reflexo de crenças e tradições específicas das populações, sem que em muitos casos seja possível definir claramente as fronteiras entre a prática do "óbolo a Caronte" e um outro qualquer ritual funerário. De resto, Keld Grinder-Hansen vai mesmo ao ponto de afirmar que a discrepância entre a constatação arqueológica e a informação disponibilizada pelos textos literários[7] sugere que a interpretação da presença das moedas como "óbolo a Caronte" não é de todo possível, tanto para o período grego como para o romano (Grinder-Hansen, 1991: 214; no mesmo sentido, Gorecki, 1975: 190-199 e 225-276). Outros fatores terão, seguramente, influenciado o gesto de colocação das moedas nas sepulturas.

Em *Conimbriga*, a informação disponível sobre esta matéria é escassa: das necrópoles do período alto-imperial ou não se conhece a localização exata ou se encontram por escavar ou já foram irremediavelmente destruídas. A única sepultura integralmente escavada e registada cuja cronologia ainda encaixa parcialmente neste período não forneceu qualquer espólio associado (Ruivo *et al.*, 2018: 90-91; Correia, 2019: 171-173).

Para as fases de ocupação subsequentes, que se estendem do período tardo-romano à época medieval, foram identificadas até este momento quatro necrópoles, todas de inumação: três delas localizadas dentro do perímetro da muralha tardia (necrópole do Fórum, necrópole da Ínsula a norte das termas e necrópole da Basílica/casa de *Tancinus*) e uma quarta, situada no exterior do recinto defensivo (necrópole da Casa dos esqueletos):

1) Necrópole do Fórum: identificadas 18 sepulturas, das quais apenas uma teria eventualmente 3 moedas associadas à sua estratigrafia: um *nummus* de Constantino II (*Fouilles* III 1624)[8] e um

[7] Na sua esmagadora maioria, trata-se de textos poéticos, um género literário que obedece às suas próprias regras e que se caracteriza pela exploração de mitos e pelo gosto por uma certa erudição, apenas compreensível para um limitado número de leitores na época romana (Estiot, 2001: 518; Duchemin, 2012: 131). Limitado no espaço e no tempo, o mito de Caronte seria uma "criação intelectual tardia" (Doyen, 2017: 94).

[8] Por uma questão de ordem prática, qualquer referência ao catálogo numismático do volume III das *Fouilles de Conimbriga* (Pereira, Bost e Hiernard, 1974) será indicada com a designação de *Fouilles* III.

nummus e um *AE3* de Constâncio II (*Fouilles* III 1375 e 3042). Todavia, da consulta dos relatórios da escavação, não resulta claro se as moedas tinham alguma relação direta com o enterramento, admitindo-se que possa tratar-se de material de estratos de revolvimento (Farinha, 2021: 321: inumação 1[9]);

2) Necrópole da Ínsula a norte das termas: identificadas 18 sepulturas, das quais três apresentaram moedas associadas:
   – inumação 19: sepultura infantil numa ânfora Almagro 51c, à qual parecem estar associados, sem mais detalhes, um *nummus* de Constantino II (*Fouilles* III 1600) e um *AE3* de Constâncio II (*Fouilles* III 2827) (Farinha, 2021: 335). Não se percebe se as moedas estavam posicionadas em associação com o cadáver, ou se foram recolhidas nas suas proximidades;
   – inumação 21: a cerca de 25-30 cm de uma inumação foram recolhidas, espalhadas pelo solo, mas numa área muito circunscrita, 24 moedas, maioritariamente *AE2*, a mais recente das quais de Arcádio (LRBC 2572), agrupadas sob a designação de Tesouro E de *Conimbriga* (Pereira, Bost e Hiernard, 1974: 327-328). Elisabete Farinha sugere, ainda que com algumas reservas, que uma dezena de exemplares possam estar associados à inumação (Farinha, 2021: 337), mas a análise da planta que acompanha o relatório de escavação da quadrícula, desenhada por Isabel Pereira e Salete da Ponte, bem como a posição do enterramento, possivelmente em decúbito lateral (característico do período islâmico), levam-nos a descartar, à partida, qualquer associação funerária;
   – inumação 23: 2 moedas da série *Fel Temp Reparatio*, dos anos 352-361 d.C. (*Fouilles* III 2983 e 3198); do relatório da escavação da quadrícula não se consegue extrair qualquer informação relevante associando a estratigrafia e o espólio (Farinha, 2021: 339 e 350);

3) Necrópole da Basílica/*domus Tanginus*: 48 inumações de época medieval, das quais apenas uma continha um ceitil (Farinha,

[9] A numeração das inumações segue a apresentada recentemente por Elisabete Martins Farinha (Farinha, 2021: 307-363). Por lapso, esta autora vem identificada na publicação como Elisabete Dias Farinha.

2021: 356; Benito Díez, 2013: 145; Catalán Ramos, 2013: 71, fig. 79);

4) Necrópole da Casa dos esqueletos: 10 inumações, das quais apenas uma forneceu moedas, concretamente as que são objeto do presente estudo (Farinha, 2021: 352).

No estado atual da questão, e em face do exposto, fica claro que, além de os dados arqueológicos e antropológicos disponíveis nos remeterem para necrópoles de cronologias bastante tardias, maioritariamente posteriores ao período romano, e de a qualidade dos registos de escavação então utilizados ser considerada hoje bastante deficiente[10], a presença da moeda nos rituais funerários tardios em *Conimbriga* parece ser escassa.

Não deixa também de ser interessante a constatação de que este abundante conjunto monetário é proveniente de uma sepultura feminina, afastando-se do padrão desenhado em necrópoles situadas noutras áreas do Império: na necrópole tardo-romana de Nempont-Saint-Fermin (Pas-de-Calais, França), todas as sepulturas com mais de 2 moedas são masculinas (Duchemin, 2012: 174-175, Fig. 14). Nas necrópoles da região suiça do Valais, datadas sobretudo dos sécs. II-III, os enterramentos femininos não tinham mais que 3 moedas, enquanto os masculinos chegavam às 6 unidades (Wiblé, 1999: 205).

No território atualmente português, e no que toca às inumações, a tendência parece apontar para o facto de a presença da moeda se manifestar sobretudo em época tardia (Pinto, 2021: 27), situação que poderá encontrar algum paralelo com o ocorrido na *Britannia*, onde mais de um quarto dos enterramentos da segunda metade do século IV regista a presença de moedas (frequentemente mais de um exemplar), contrastando, todavia, com o verificado nas provincias italianas, nas quais esta

[10] Como sublinha Jean-Marc Doyen, impõe-se a aplicação de um protocolo de levantamento e de um guia de estudo das moedas saídas de contextos funerários (Doyen, 2012: VII-XV; 2017: 93). No entender do investigador francês, o exame arqueológico do numerário recolhido em contexto funerário deve obedecer a três eixos teóricos: 1) a "topologia", entendida enquanto estudo do lugar; 2) o correto acondicionamento das moedas no decurso da escavação a fim de extrair, em laboratório, o máximo de informação; 3) a necessidade de ter em conta a moeda enquanto verdadeiro "facto funerário" e não como mero objeto datante (Doyen, 2017: 95).

prática atinge o apogeu por meados do século II, decaindo em seguida de forma muito significativa, até se tornar inexpressiva na segunda metade do século IV (Brown, 2013: 304-306, Fig. 47). A informação disponível para o caso português aponta para a existência de claras assimetrias regionais neste tipo de práticas: segundo Ana Rita Pinto, a norte do Douro verifica-se uma abundante presença da moeda em contextos funerários, sobretudo tardo-romanos. O caso extremo é fornecido pela necrópole de Montes Novos (Croca, Penafiel), onde se identificaram pelo menos 134 sepulturas, maioritariamente de inumação, das quais 97 (c. 71%) continham moedas associadas (Pinto, 2021: 34-56). Em pouco mais de um quarto das sepulturas, foi registado o achado de uma única moeda, mas o que melhor caracteriza esta necrópole é precisamente o considerável número de moedas recolhidas em cada sepultura, em média na ordem dos 3-10 exemplares (Pinto, 2021: 53, Gráfico 2). São, contudo, frequentes as sepulturas com mais de duas dezenas de numismas: em 17 enterramentos (17,52% do total) o número de peças recolhidas oscilou entre as 21 e as 79 unidades[11]. No total, cerca de 7% das sepulturas escavadas continham mais de 40 moedas, percentagem que supera amplamente a obtida por Jean-Patrick Duchemin para as necrópoles da Gália do Norte, onde apenas cerca de 2% das sepulturas analisadas ultrapassaram aquela cifra (Duchemin, 2012: 139-140, Tableau 2). Esta baixa percentagem seria um indício de que a presença de sepulturas com grandes quantidades de numerário constituiria um fenómeno isolado, cingindo-se apenas a alguns casos que se poderiam considerar privilegiados, refletindo, eventualmente, a vontade de uma representação ostentatória (Duchemin, 2012: 140 e 145)[12].

Refira-se ainda que, na necrópole penafidelense, as moedas apareceram colocadas junto dos mortos nas mais diversas posições: ora junto da cabeça, ora junto dos pés, ora espalhadas por toda a sepultura, motivo pelo qual não foi possível definir um padrão claro para a sua de-

[11] Rui Centeno sugere a possibilidade de que os 74 exemplares (do quais se estudaram 68) do conjunto do Valinho (Bostelo, Amarante) possam constituir também um depósito funerário (Centeno, 1990: 22-23).

[12] Relativamente a esta matéria, Lisa Brown detetou algumas particularidades regionais: em *Italia* as sepulturas com avultado número de moedas datam dos séc. I e IV. Na *Germania*, por seu turno, as sepulturas com mais de 1 moeda são comuns no séc. I. Já na *Britannia*, esse fenómeno está documentado na fase final da ocupação romana (Brown, 2013: 310).

posição (Pinto, 2021: 57). No caso das moedas da Sepultura 6 da Casa dos esqueletos, a sua colocação junto ao peito do defunto reproduz uma prática documentada noutras necrópoles, apesar de a preferência ser geralmente orientada para outras zonas do corpo, como a cabeça (boca, órbitas, à volta da cabeça), a bacia ou as mãos (Perassi, 2001: 109-110; Duchemin, 2012: 142-149; Brown, 2013: 311-314).

Assim, e embora não seja possível contrariar cabalmente a leitura tradicional de que a presença da moeda em ambientes funerários está relacionada com o mito do "óbolo a Caronte", muito difundido pela literatura clássica (Alföldy-Gazdac e Gazdac, 2013: 285-314), a prática arqueológica parece evidenciar a existência de claras divergências relativamente a essa visão, sendo a prática do "óbolo a Caronte" apenas uma das possíveis explicações para a presença de moedas em contextos funerários, devendo a ênfase ser colocada nas diferentes crenças, tradições e práticas funerárias das populações e respetiva evolução ao longo do tempo, manifestadas em diferentes atitudes perante a morte, muitas das quais não são facilmente descortináveis pela Arqueologia.

CATÁLOGO

Legendas de anverso:

Constante (Cn)
1. CONSTAN-S P F AVG
2. CONSTANS - P F AVG
3. D N FL CONSTANS AVG

Juliano - César (J C); Augusto (J)
1. D N CL IVL-IANVS N C
2. D N CL IVLIANVS NOB CAES

Valentiniano I (V I)
1. D N VALENTINI-ANVS P F AVG

Teodósio (T)
1. D N THEODO-SIVS P F AVG

Constâncio II (Cs)
1. CONSTANTI-VS P F AVG
2. D N FL CONSTANTIVS AVG
3. D N CONSTAN-TIVS P F AVG

Valente (Vn)
1. D N VALENS - P F AVG

Graciano (G)
1. DN GRATIA-NVS P F AVG

Arcádio (A)
1. D N ARCADI-VS P F AVG
2. D N ARCADIVS P F AVG

Bustos:

A - busto para a direita, drapejado e couraçado, com diadema de pérolas
B - como A, mas com diadema de rosetas
C - como A, mas com diadema de louros e rosetas
D - como A, mas laureado
E - como A, mas de cabeça descoberta
F - busto para a direita, couraçado, de cabeça descoberta
Z - busto indeterminado

Nº	*Imp^{dor}*	*Anv./ Busto*	*Reverso*	*Marca*	*Peso*	*Cronologia*	*Bibliografia*
			Lyon				
1.	Cs	1C	GLORI-A EXER-CITVS (1 estd.)	I//PLG	1,64	*post*. Abril 340	RIC 26
2.	Cs/Cn	?C	GLORI-A EXER-CITVS (1 estd.)	I//[? LG]	1,39	*post*. Abril 340	RIC p. 178
3.	Cs	1D	VICTORIAE DD AVGG Q NN	[S]T//[?LG]	1,52	347-348	RIC 45
4.	Cn	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	?//?	1,66	347-348	RIC p. 180-1
			Trier				
5.	Cs	1B	GLORI-A EXER-CITVS (1 esdt)	M//TRPU	1,53	*post*. Abril 340	RIC 108
6.	G	1A	REPARATIO REIPVB	- -//[SM]TRS	4,32	378-383	LRBC 150
			Arles				
7.	Cn	2B	VICTORIAE DD AVGG Q NN	G//PARL	1,39	347-348	RIC 73
8.	Cs	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	MA//PARL	1,08*	347-348	RIC 78
9.	Cs	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	MA//?[ARL]	1,42	347-348	RIC 78
10.	Cn	2B	VICTORIAE DD AVGG Q NN	MA//SARL	1,38	347-348	RIC 80
11.	Cn	2C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	MA//SARL	1,20	347-348	RIC 81
12.	Cn/Cs	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	P/SARL	1,54	347-348	RIC 87
13.	Cn/Cs	?C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	P//SARL	1,39	347-348	RIC 83-87
14.	Cs	3A	SPES REI-PVBLICE	VAL//?CON	1,69	358-361	RIC 277
15.	A	2A	VICTOR-IA AVGGG	- -//TCON	1,40	388-395	RIC 30e
			Roma				
16.	Cn	3C	GLOR-IA EXERC-ITVS (1 estd)	- -//[...]	1,21	a. Abril 340	RIC, p. 249-50
17.	Cs	2C	SECVRITAS REIP	- -//R *hera* S	1,68*	a. Abril 340	RIC 12/15
18.	Cn	3C	SECVRITAS REIP	- -//R *hera* T	1,00	a. Abril 340	RIC 13
19.	Cn	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	- -//R•S	2,17	347-348	RIC 81
20.	Cn	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	- -//R *palma* P	1,67	347-348	RIC 92
21.	Cn/Cs	?C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	- -//ROS	1,83	347-348	RIC 82-84
22.	Cs	3A	FEL TEMP-REPARATIO	- -//RΩP	1,69	353-358	RIC 309
23.	J C	1F	SPES REI-PVBLICE	- -//?	1,46*	358-361	RIC 319/321
24.	V I	1A	SECVRITAS REIPVBLICAE	- -//RTERTIA	2,37	367-375	LRBC 712
25.	G	1A	REPARATIO REIPVB	- -//SMRQ	3,89	378-383	LRBC 750
			Tessalonica				
26.	T	1A	REPARATIO REIPVB	- B//SMTES	5,08	378-383	LRBC 1826

Constantinopla

27.	Cs	3A	FEL TEMP REPARATIO	•M• -//CONSε	1,37	353-358	RIC 137
28.	J C	2E	FEL TEMP REPARATIO	•M• -//CONSΓ	2,26	353-358	RIC, p. 460
29.	Cs	3A	SPES REI-PVBLICE	- -//CONS?	1,45*	358-361	RIC 149/151
30.	T	1A	GLORIA ROMANORVM	- -//CONSΔ	4,27	393-395	LRBC 2186
31.	A	1A	GLORIA ROMANORVM	- -//CONSΓ	4,25	393-395	LRBC 2187

Nicomédia

32.	Cs	3A	FEL TEMP RE-PARATIO	- -//SMNΔ	1,36	353-358	RIC 96/104

Cízico

33.	Cs	3A	FEL TEMP-REPARATIO	- -//SMKA	2,28	353-358	RIC 110
34.	Cs	3A	SPES REI-PVBLICE	- -//SMKΔ	1,48	358-361	RIC 117

Antioquia

35.	A	1B	GLORIA ROMANORVM	- -//ANTB	3,55	393-395	LRBC 2782

Alexandria

36.	A	2A	GLORIA ROMANORVM	- -//ALEA	4,82	392-395	LRBC 2911

Casa da moeda indeterminada

37.	Cs	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	?//?	1,19	347-348	-
38.	Cn	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	palma//?	1,25*	347-348	-
39.	Cn	1Z	VICTORIAE DD AVGG Q NN	-//?	1,46	347-348	-
40.	Cn	1C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	-//?	1,28	347-348	-
41.	Cn/Cs	?C	VICTORIAE DD AVGG Q NN	?//?	1,58*	347-348	-
42.	Cs	3A	[FEL TEMP REPAR]ATIO	? ?//?	1,53	353-358	-
43.	Cs	3A?	Fruste	-	1,19	347-361	-
44.	Cs	3A	SPES REI-PVBLICE	- -//?	2,40	358-361	-
45.	Cs	3A	SPES REI-PVBLICE	- -//?	2,02	358-361	-
46.	Cs	3A	SPES REI-PVBLICE	- -//?	1,61	358-361	-
47.	Cs?	?A	SPES REI-PVBLICE	- -//?	1,44*	358-361	-
48.	Cs?	?A	SPES REI-PVBLICE	- -//?	1, 60	358-361	-
49.	J C	?E	SPES REI-PVBLICE	? -//?	1,79	358-361	-
50.	Cs/J	?A	tipo SPES REI-PVBLICE	- -//?	1,33*	358-362	-
51.	Cs/J	?Z	tipo SPES REI-PVBLICE	- ?//?	1,57*	358-362	-
52.	Vn	1A	GLORIA RO-MANORVM	- -//?	1,57	364-378	-
53.	V I, Vn, G, V II	? A	GLORIA RO-MANORVM	- -//?	0,86	364-378	-
54.	T	1A	SALVS REI-PVBLICAE	P -//?	1,23	388-395	-
55.	A	2A	Ilegível; tipo VICTORIA AVGGG	? -//?	0,70*	388-402	-
56.	Ind	?A	Ilegível; Vitória para a esq. com palma e coroa	? -//?	1,90	2ª met. séc. IV	-
57.	Ind	?A	[...]; tipo indeterminado	?	1,39	séc. IV	-
58.	Ind	?Z	Fruste	-	1,05*	séc. IV	-

BIBLIOGRAFIA

Abad Varela, Manuel (1989) – *Ciculación monetaria en la Hispania romana del siglo IV d.C.*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nacional de Educação à Distância (inédita), Madrid.

Alarcão, Jorge de (1987[4]) – *Portugal romano*, Lisboa.

Alarcão, Jorge de (1999) – *Conimbriga: o chão escutado*, Lisboa.

Alarcão, Jorge de (2010) – *As casas da zona B de Conimbriga*, Coimbra.

Alföldy-Gazdac, Ágnes; Gazdac, Cristian (2013) – "Who pays the ferryman?" The testimony of ancient sources on the myth of Charon", *Klio*, 95 (2), pp. 285-314.

Benito Díez, Laura (2013) – El cementerio medieval de la *domus tancinus*, *in* López Quiroga, Jorge, ed. – *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*, Oxford, pp. 133-160.

Brown, Lisa (2013) – *Charon's Obol? An archaeological study of the role of coins in Roman burial ritual (with case studies from Roman Italy, Germany, Britain and unconquered Scandinavia),* dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Edimburgo (inédita), Edimburgo.

Catalán Ramos, Raul (2013) – Estudio de materiales de la *domus tancinus* (Campañas 2004 a 2008), *in* López Quiroga, Jorge, ed. – *Conimbriga tardo-antigua y medieval. Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal),* Oxford, pp. 37-120.

Ceci, Francesca (2005) – La deposizione della moneta nella tomba: continuita di un rito tra paganesimo e cristianesimo, *Histria Antiqua*, 13, pp. 407-416.

Centeno, Rui Manuel Sobral (1990) – Um conjunto de moedas romanas de Valinho (Bostelo, Amarante): tesouro ou depósito funerário?, *Entremuros. Revista Cultural de Amarante*, 1, pp. 21-30.

Cepeda Ocampo, Juan José (1996) – *Del antoninianus al nummus centenionalis. Tesoros y depósitos monetários en la Hispania tardoromana (260-423 d.C.),* dissertação de doutoramento apresentada à Universidade do País Vasco (inédita), Vitória-Gasteiz.

Correia, Virgílio Hipólito (2001) – Conimbriga. Casa atribuída a Cantaber. Trabalhos arqueológicos 1995-1998, *Conimbriga*, 40, pp. 83-140.

Correia, Virgílio Hipólito (2004) – Coexistência e revolução. Urbanismo e arquitetura em Conimbriga (séc. I a.C.-III d.C.), *in* Lopes, Maria da Conceição; Vilaça, Raquel, eds. – *O passado em cena: narrativas e fragmentos*, Coimbra.

Correia, Virgílio Hipólito (2013) – *A arquitectura doméstica de Conimbriga e as estruturas económicas e sociais da cidade romana*, Coimbra.

Correia, Virgílio Hipólito (2019) – Desenvolvimento das escavações arqueológicas em Conimbriga (DEARCON 2012-2018): apreciação sumária dos trabalhos e resultados, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 22, pp. 167-178.

De Man, Adriaan (2007) – A muralha tardia de Conimbriga, *in* Rodríguez Colmenero, António; Rodà De Llanza, Isabel, coord. – *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio: Lucus Augusti como paradigma, actas del Congreso*

Internacional celebrado en Lugo (26-29.XI. 2005) en el V aniversario de la declaración, por la Unesco, de la Muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidade, Lugo, pp. 699-712.

De Man, Adriaan (2011) – *Defesas Urbanas Tardias na Lusitânia*, Mérida.

Doyen, Jean-Marc (2012) – [The chairman's adress] The "Charon's obol": some methodological reflexions, *The Journal of Archaeological Numismatics*, 2, pp. I-XVIII.

Doyen, Jean-Marc (2017) – Une monnaie pour le mort – des monnaies pour les vivants. L'obole à Charon : la fin d'un mythe ?, *in* Hanut, François, dir. – *Du bûcher à la tombe. Diversité et évolution des pratiques funéraires dans les nécropoles à crémation de la période gallo-romaine en Gaule septentrionale*, Namur, pp. 93-100.

Duchemin, J.-P. (2012) – Numismatique et archéologie du rituel: réflexion sur le rite dit de l' «obole à Charon» à partir de l'exemple de la nécropole tardo-antique de Nempont-Saint-Firmin (Pas-de-Calais, France), *The Journal of Archaeological Numismatics*, 2, pp. 127-198.

Estiot, S. (2001) – [Compte-rendu] Trouvailles monétaires de tombes: Actes du 2e colloque international du Groupe suisse pour l'étude des trouvailles monétaires (Neuchâtel, 3-4 mars 1995), Dubuis (O. F.), Frey Kupper (S.), Perret (G.) éds., Lausanne, 1999, *Revue Numismatique*, 157, pp. 517-522.

Farinha, Elisabete Martins (2021) – Contextos arqueológicos e espaciais das necrópoles do espaço urbano de Conimbriga, *in* Ruivo, José e Correia, Virgílio Hipólito, eds. – *Conimbriga Diripitur: Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Coimbra, pp. 307-363.

Fouilles III = Pereira, Isabel; Bost, Jean-Pierre; Hiernard, Jean (1974) – *Fouilles de Conimbriga. III. Les monnaies*, Paris.

Gameiro, A. L. M. R. (1998) – *A necrópole de Conimbriga: estudo antropológico de alguns dos seus restos humanos*, relatório de estágio na área de Ciências Humanas apresentado à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (inédita), Coimbra.

Gorecki, Joachim (1975) – Studien zur Sitte der Münzbeigabe in römerzeitlichen Körpergräbern zwischen Rhein, Mosel und Somme, *Berichte der Römisch-Germanischen Kommission*, 56, pp. 179-467.

Grinder-Hansen, Keld (1991) – Charon's fee in Ancient Greece, *Acta Hyperborea*, 3, pp. 207-218.

LRBC = Carson, Robert Andrew Glendinning; Hill, Philip Victor; Kent, John Philip Cozens (1978) – *Late Roman Bronze Coinage A. D. 324-498*, Londres.

Martínez Chico, David (2020) – Los *tesoros imperiales de Hispania*, dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Valência (inédita), Valência.

Nony, Daniel (1967) – Un trésor monétaire du Bas-Empire a Tarifa (Cádiz), *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 3, pp. 93-114.

Oleiro, João Manuel Bairrão; Alarcão, Adília Moutinho de; Alarcão, Jorge de (1974) – *Conimbriga: roteiro do museu e das ruínas*, Conimbriga.

Oliveira, Cristina (2005) – *Mosaicos de Conimbriga*, Conimbriga.

Perassi, Claudia (1999) – Monete nelle tombe di età imperiale: casi di scelta intenzionale sulla base dei soggetti e delle scrite, *in* Dubuis, Olivier Frédéric; Frey-Kupper, Suzzane; Perret, Gilles, eds. – *Trouvailles monétaires de tombes. Actes du 2e colloque international du groupe suisse pour l'étude des trouvailles monétaires*, Lausana, pp. 43-69.

Perassi, Claudia (2001) – Le monete della necropoli: osservazioni sul rituale funerario, *in* Sannazaro, Marco, ed. – *Ricerche archeologiche nei cortili dell'Università Cattolica. La necropoli tardoantica*, Milão, pp. 101-114

Pinto, Ana Rita da Silva (2021) – *Estudo do espólio numismático da Necrópole de Montes Novos (Croca, Penafiel),* dissertação de mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (inédita), Porto.

RIC IX = PEARCE, John William Ernest (1968) – *The Roman Imperial Coinage, IX. Valentinian I-Theodosius I*, Londres.

RIC VIII = Kent, John Philip Cozens (1981) – *The Roman Imperial Coinage, VIII. The family of Constantine I A. D. 337-364,* Londres.

RIC X = Kent, John Philip Cozens (1994) – *The Roman Imperial Coinage, IX. The Divided Empire and the fall of the Western Parts 395-491*, Londres.

Ruivo, José; Correia, Virgílio Hipólito, De Man, Adriaan (2021) – A cronologia da muralha Baixo-Imperial de Conimbriga, *in* Ruivo, José e Correia, Virgílio Hipólito, eds. – *Conimbriga Diripitur: Aspetos das ocupações tardias de uma antiga cidade romana*, Coimbra, pp. 11-24.

Ruivo, José; Correia, Virgílio Hipólito, De Man, Adriaan; Reis, Pilar (2018) – O anfiteatro de Conimbriga (Coimbra, Portugal): Balanço da recente investigação, *in* Soares, Carmen; Brandão, José Luís; Carvalho, Pedro Cardoso de, eds. – *História Antiga: Relações interdisciplinares. Paisagens urbanas, rurais e sociais*, Coimbra, pp. 75-95.

Thüry, Gunther Emerich (1999) – Charon und die Funktionem der Münzen in römischen Gräbern der Kaiserzeit, *in* Dubuis, Olivier Fréderic; Frey-Kupper, Suzanne; Perret, Gilles, eds. – *Trouvailles monétaires des tombes*, Actes du deuxième Colloque International du Groupe Suisse pour l'étude des trouvailles monétaires (Neuchatel, 3-4 março 1995), Lausana, pp. 17-30.

Wiblé, François (1999) – Monnaies dans les tombes du Valais et dans les Alpes: quelques constats, *in* Dubuis, Olivier Fréderic; Frey-Kupper, Suzanne; Perret, Gilles, eds. – *Trouvailles monétaires des tombes*, Actes du deuxième Colloque International du Groupe Suisse pour l'étude des trouvailles monétaires (Neuchatel, 3-4 março 1995), Lausana, pp. 201-206.

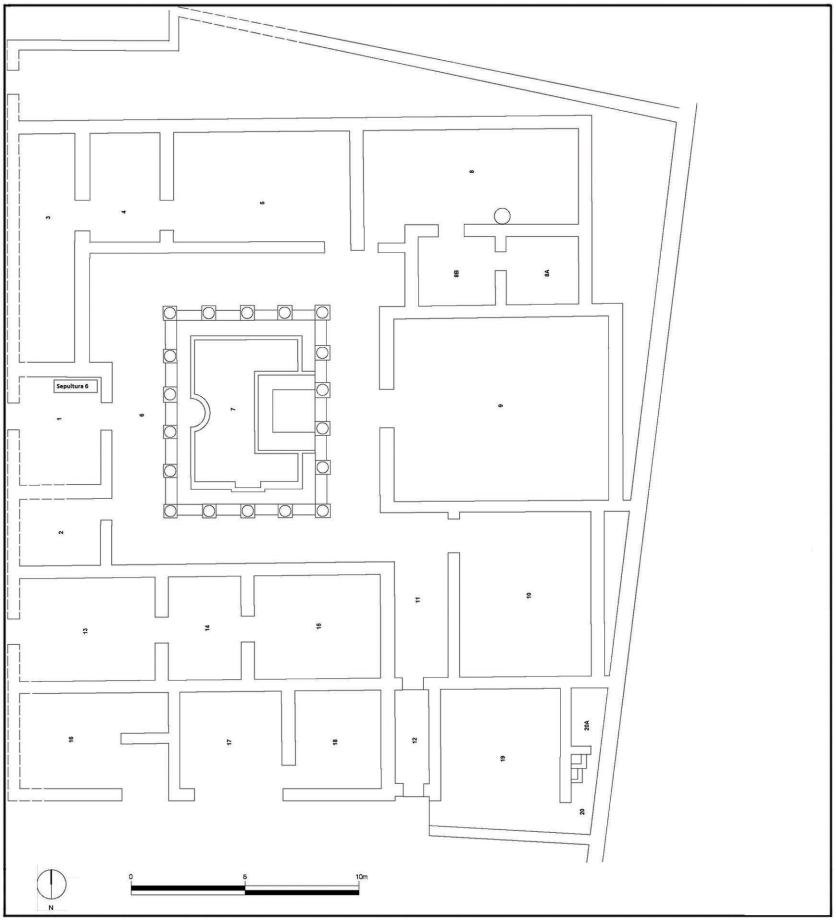

Fig. 1 – *Planta da Casa dos esqueletos (segundo Correia, 2013: 169, Fig. 84) e localização da Sepultura 6.*

FIG. 2 – *Sepultura 6, ainda com o esqueleto* in situ *(foto J. Alarcão).*

	Lug	Tr	Arl	Rom	Nic	Cons	Ciz	Tes	Ant	Ale	Ind	Total
337-340												
Gloria Exercitus	2			1								3
Securitas Reip		1		2								3
347-348												
Victoriae ddauggq nn	2		7	3							5	17
353-358												
Fel Temp Reparatio				1	1	2	1				1	6
358-361												
Spes Reipublice			1	1		1	1				8	12
364-378												
Gloria Romanorum											2	2
Securitas Reipublicae				1								1
378-383												
Reparatio Reipub		1		1				1				3
388-395												
Victoria Augg			1								1	3
Salus Reipublicae											1	
393-395												
Gloria Romanorum						2			1	1		4
Século IV												
Tipo indeterminado											4	4
Total	4	2	9	10	1	5	2	1	1	1	22	58

FIG. 3 – *Composição do depósito da Casa dos esqueletos.*

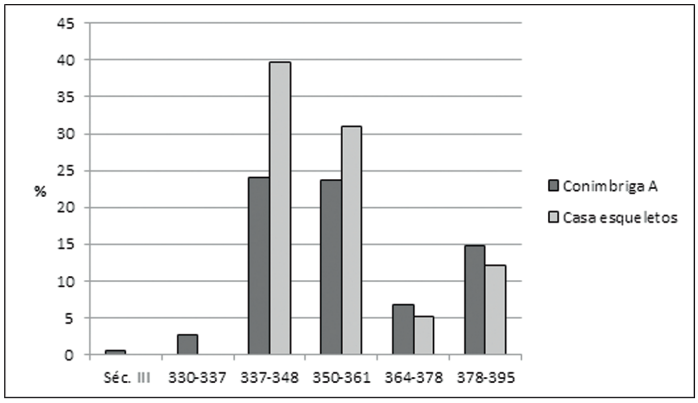

FIG. 4 – *Distribuição cronológica do tesouro A de Conimbriga e do depósito da Casa dos esqueletos.*

FIG. 5 – *Algumas moedas do depósito monetário da Sepultura 6.*